

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.026

A LITERATURA NEGRA E AFRO-BRASILEIRA COMO FONTE DE ESTUDO NA ESCOLA

Queite Diniz dos Santos da Silva¹

RESUMO

A leitura e a discussão de textos da literatura negra e afro-brasileira, além do prazer da leitura contextualizada às necessidades dos estudantes, podem agregar conhecimento da história, competências questionadoras, representatividade negra, empoderamento do estudante negro e desenvolvimento de ações antirracistas ao longo da vida. Nesse contexto, a escola se apresenta como local mais oportuno para o alcance da formação literária negra. Assim, por meio deste artigo objetivamos discutir benefícios e competências do letramento literário por intervenção da inclusão da literatura negra e afro-brasileira no processo de ensino-aprendizagem de estudantes e professores. A proposta envolve oficinas pedagógicas à luz do que preconiza a Lei 10.639/03, modificada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena. Para tanto, o aporte teórico sobre o tema apoia-se em Candido (1988), Duarte, E. (2010), Duarte, D. (2020) e Evaristo (2009). Metodologicamente adotamos a pesquisa qualitativa na perspectiva da concepção de leitura crítico-discursiva, sob a Análise do Discurso (AD), fundamentada em Brandão (2004) e Bonifácio (2015). Por resultado, alcançamos estudantes com maior letramento literário negro e afro-brasileiro; pensamento autocrítico incitado pela leitura crítico-discursiva, dotados do orgulho/empoderamento negro com argumentos mais coerentes

1 Mestra em Língua Portuguesa pelo PROFLETRAS/UFPB. queitediniz@hotmail.com

frente à situações racistas, além de maior preparo no comprometimento para atitudes antirracistas.

Palavras-chave: Antirracismo, Literatura Negra, Leitura Crítico-Discursiva, Lei 10.639/03, Representatividade.

INTRODUÇÃO

O ato de ler tem o poder de transformar opiniões, comportamentos e atitudes. A prática pedagógica, no campo da leitura literária, também apresenta esse poder de compreender para transformar comportamentos e atitudes.

No contexto da educação para as relações étnico-raciais na escola, nas aulas, nas leituras identificamos uma grande lacuna de implementação do conhecimento da história, da cultura e da luta negra do passado e do dia a dia na contemporaneidade. Nossos estudantes parecem não ter oportunidades específicas em adquirir esse conhecimento na esfera da família, da igreja e na sociedade, de forma que parece ser na escola, com educadores formadores, a oportunidade ideal para a aquisição dessa percepção. Assim, uma das formas de ofertar, aumentar e desenvolver maior conhecimento cultural e histórico pode se dar através da literatura que é apresentada aos estudantes. Nessa lógica, defendemos que a literatura apresentada aos estudantes no processo de ensino-aprendizagem na escola precisa ser alvo de aprendizagem, reflexão, discussão, para promoção de novos estímulos.

A sociedade contemporânea tende a promover palco para muitas problemáticas relacionadas à raça-cor, ao cabelo crespo, aos fenótipos do povo negro e a todos os demais estereótipos que a história pode ajudar a instituir em relação à etnia negra, o que evidencia urgência na descoberta de caminhos que propiciem esse tipo de discussão no âmbito escolar.

Sob a ótica de uma educação antirracista, o letramento literário, por meio da literatura negra e afro-brasileira fomentada na escola, possibilita estar para além do prazer da leitura. Logo, tal prerrogativa tem o poder de conhecer e refletir a história, informar decisões, questionar opiniões, contestar posturas, empoderar pessoas e libertar mentes pensantes.

Nessa perspectiva, esse objeto se justifica pelo pressuposto da Lei 10.639/03 que estimula o estudo da história, da cultura, da luta, da formação e da contribuição afro-brasileira em diversas áreas; e também,

pela autodeclaração de mais de 50% da população brasileira como negra ou parda²; e ainda, pela amplitude da literatura negra e afro-brasileira na sociedade brasileira.

Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo discutir benefícios e competências do letramento literário por intervenção da inclusão da literatura negra e afro-brasileira no processo de ensino-aprendizagem de estudantes e professores.

Para tanto, a fundamentação dessa discussão está sustentada em Candido (1988), Evaristo (2009), Duarte, E. (2010), Duarte, C. (2020).

Metodologicamente, é composto por pesquisa qualitativa, na perspectiva da concepção de leitura crítico-discursiva, sob a Análise do Discurso (AD), fundamentada em Brandão (2004) e Bonifácio (2015).

Este trabalho está organizado em quatro partes: introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussão e por fim as referências.

REFERENCIAL TEÓRICO

Definida como a “arte da palavra”, a literatura tende ao poder de formar opiniões, de construir ideias, de transformar comportamentos, e assim, desenvolver pessoas. Leitura fundamental de instrução, de intelectualidade e de constituição de valores no corpo social contemporâneo.

Sendo a escola um espaço formador, construtor e transformador, dispõe do privilégio para inserção, nos currículos e práticas pedagógicas, de literaturas que desenvolvam reflexão, informação, questionamento, empoderamento e libertação. Candido (1988) sublima a literatura, na escola, quando afirma que:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática (Candido, 1988, p.175).

2 www.ibge.com.br

Nesse sentido, a literatura negra e afro-brasileira pode ser tida como objeto de fruição necessária no sistema educacional, posicionando-se como fonte de estudo e ensino por todos os valores preconizados nessas obras e por uma nova representação do povo negro, que constantemente tem sua imagem desprestigiada nas muitas manifestações artísticas e literárias. Povo perseguido, hostilizado e desconstruído por força de um processo histórico cruel, racista que ignorou toda a ancestralidade africana.

A partir da Lei 10.639/03, que inclui de forma obrigatória o ensino da temática da História e da Cultura Afro-Brasileira, da formação do povo negro, das suas lutas, das suas contribuições em todas as esferas sociais, econômica, política na história do Brasil, esperamos resgatar a imagem empoderada da nossa história, por meio da literatura, nosso objeto de estudo. Logo, tal lei se mostra bastante necessária no contexto escolar, direcionando obrigatoriedade pelo grande vácuo constatado no processo de ensino-aprendizagem e por toda problemática naturalizada em torno das relações étnico-raciais, fixadas pelo racismo, preconceito, injúria e discriminação do povo negro e seus descendentes.

Ante o exposto, é oportuna a reflexão sobre as distinções entre a literatura negra e a afro-brasileira, fundamentada em Duarte (2010), que evidencia por literatura negra aquela desenvolvida por autor negro, que se assuma enquanto negro, que escreva sobre o que é ser negro, ser da cor negra e discuta os problemas que os afetam, a exemplo do racismo, religião e sociedade. Por outro olhar, também apresenta por literatura afro-brasileira aquela escrita pelos que se assumem como descendentes de africanos, brasileiros, com voz autoral dos acontecimentos, escrevem sobre a origem da história dos negros, literatura sobre os negros, com marcas linguísticas da afro-brasilidade, com pontos de vistas, lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência com resgate da história do povo negro. Duarte (2010).

Nessas expectativas, seja a literatura negra ou afro-brasileira deve ser considerada, valorizada e implementada, na pedagogia, de forma

efetiva, discursiva e reflexiva enquanto literatura de resistência na fomentação do letramento racial escolar. Pois, além de o aluno ter a chance de desenvolver todas essas competências acima elencadas, o professor, ao empreender essa proposta, também poderá desenvolver o letramento racial em si mesmo, e assim, passar a refletir discursos, comportamentos e atitudes numa prática antirracista.

De modo geral, a concretização dessas leituras também poderá ser estabelecida por gêneros diversos, de maneira autônoma, com procedimentos e estratégias adequados aos objetivos que se quer alcançar, inclusive a africana, como levemente direciona a BNCC (2018).

Nesse repertório, por meio dessas leituras devemos inserir a literatura negra e afro-brasileira dos, ainda poucos, autores renomados, premiados ou iniciantes. Poucos sim, pois segundo números expostos por Dalcastagnè³ (2018), numa pesquisa iniciada em 2003, dos autores literários, 97,2% são brancos e apenas 2,5% se identificam como não brancos e, das personagens retratadas, 77,9% são brancas e apenas 6,3% são negras. Perante o exposto, Dalcastagnè (2018) escancara as gritantes barreiras, não só na publicação, mas também na educação, com suas muitas objeções.

E, por conseguinte, impulsionamos aplicabilidade imediata das produções literárias já existentes: nas escolas, nas creches, nas comunidades. Esperando que o nosso trabalho sirva de estímulo a novos(as) escritores(as), novas produções, a exemplo das gêmeas Helena e Eduarda⁴ de 13 anos, donas do “Projeto Pretinhas Leitoras”, idealizado e estimulado por elas e pela mãe, professora da educação básica e pesquisadora. Nesse projeto de leitura, no qual priorizam a literatura negra, elas querem contar histórias de crianças negras para crianças negras e brancas. E assim,

3 Regina Dalcastagnè, doutora em Teoria Literária pela UNICAMP, professora titular de Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Pesquisa disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>

4 Pretinhas Leitoras - Infâncias-adolescências que reivindicam a liberdade através da literatura negra. Encontro com as Letrinhas|Tv Globo,pretinhasleitoras@gmail.com

seguem brilhando e dando vozes aos leitores periféricos e carentes por uma boa leitura.

Logo, sob esse ponto de vista, é que defendemos que a literatura contribui com o enriquecimento histórico, cultural, social, linguístico e construção de uma identidade negra com respeito à luta, à escrita e à resistência de autores negros, sejam renomados ou estudantes curiosos e críticos, mediante um trabalho conjunto da escola, dos professores e da sociedade.

Por muitos anos, o discurso negro, as literaturas negras e afro-brasileiras de forma autoral foram e ainda são relativizadas com determinada hostilidade e inferioridade numa representação um tanto derrotista. E diante da necessidade urgente de mudança, a escola precisa contribuir para evolução positiva desse cenário, criando oportunidades de conhecimento, de leitura e de trabalho efetivo com essas obras para ressignificação do povo negro. Segundo enfatiza Evaristo (2009):

Amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência (Evaristo, 2009, p.25).

Em conformidade com o discurso de Evaristo (2009), defendemos que é preciso fomentar ações afirmativas, nas aulas, com inserção da literatura negra e afro-brasileira na perspectiva de mudança na formação identitária, nos comportamentos, nos discursos, na substituição da imagem subalterna dos negros, a fim de despertar competências e habilidades do campo artístico-literário para ação cidadã. E assim, por meio de uma prática diferenciada, nos regozijarmos e regozijar nossos alunos com os questionamentos presentes nas obras de Maria Firmina dos Reis, primeira romancista negra reconhecida; deleitarmos-nos com os poemas e contos reflexivos de Conceição Evaristo, mulher negra de origem humilde considerada uma das mais influentes literatas no Brasil; analisarmos as

narrativas infelizes de fome e de discriminação do Diário de Carolina Maria de Jesus; debruçarmos-nos nos escritos desafiadores de Djamilla Ribeiro; nos informativos de Silvio Almeida e nas obras tão familiares de Lázaro Ramos.

Sob outra perspectiva, não recomendamos algumas obras Lobatianas, a exemplo de “Negrinha”, “Caçadas de Pedrinho”, “Histórias de Tia Nastácia” e “O Presidente Negro” por conterem expressões racistas que difamam o povo negro, que por diferentes óticas podem parecer naturais e aceitáveis para a época, porém, não contribuem em benefícios e competências numa política de ações afirmativas e de resistência antirracista para a contemporaneidade. Obras que podem, imediatamente, ser substituídas por outras que exaltem, enobreçam o povo negro. Silva e Leite (2021).

Assim:

Enquanto professores e mediadores de leitura não estiverem atentos e considerarem que a sabedoria popular é intrínseca, que a força da oralidade e de muitas narrativas que atravessam gerações deve ser valorizada no ambiente escolar, estaremos longe de formar integralmente os milhões de estudantes. (Melo, 2020, p.257)

Portanto, assentimos com a defesa de Melo (2020) e na intervenção do currículo, da escola e dos professores aptos na causa e no valor da ação.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é caracterizada qualitativa uma vez que “acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas” (Flick, 2007, apud Paiva, 2019, p. 13). Dessa forma, nossa pesquisa visa discutir benefícios e competências do letramento literário negro e afro-brasileiro no processo de ensino aprendizagem de estudantes e professores. Pois, compreendemos que essa proposta de levar literatura negra para a sala de aula, para a prática pedagógica, pode trazer muitos

benefícios para a leitura, a escrita, o discurso, influenciando na construção de novos pensadores críticos em relação às questões raciais, ainda carentes de contextualização e problematização.

Nesse contexto, a pesquisa-ação está indicada dada a possibilidade de intervenção direta na resolução de problemas práticos cotidianos e do despertar para consciência dos participantes, além de estabelecer auto-desenvolvimento e mudança comportamental, conforme defende Paiva (2019).

Para tanto, como geração de dados usamos inicialmente a observação do comportamento, das leituras, dos comentários tecidos pelos alunos logo após cada leitura, das escritas sobre cada tema ou gênero abordado e da aprendizagem construída em cada leitura proposta.

Dessa forma, Paiva (2019, p. 78) defende que “um professor preocupado com sua prática está sempre, recursivamente, identificando problemas, planejando, agindo, observando sua própria prática e refletindo.” Assim, pela observação e prática pedagógica cotidiana, percebemos equívocos relacionados à raça-cor e constatação de pouco conhecimento referente à história negra.

Nesse cenário, em cumprimento à Lei 10.639/03 que inclui a obrigatoriedade do ensino da história, da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, planejamos executar oficinas pedagógicas propondo a inclusão da leitura da literatura negra e afro-brasileira, a fim de desenvolver competência leitora-crítica-discursiva em todos os participantes.

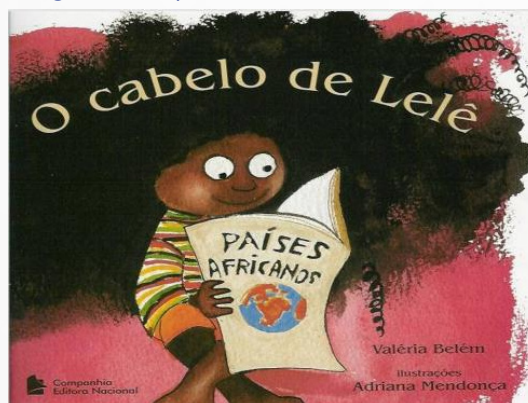
Neires e Niura (2009, p.78) defendem que “Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos.”. Nesse sentido, precisamos estar atentos a como nossos estudantes se sentem em relação ao racismo social, como eles pensam quando se veem diante de situações de preconceito, discriminação, injúria e racismo e como podem e devem agir após leituras dirigidas com propósito pedagógico antirracista.

Num primeiro momento, apresentamos o projeto Pretinhas Leitoras ⁵, para os estudantes, através do próprio site do projeto. Esta iniciativa de incentivo à leitura da literatura negra desenvolvida numa comunidade pobre e de maioria negra do Rio de Janeiro ganhou visibilidade pela eficácia e amplitude da participação de crianças e de adolescentes no incentivo à leitura de autores negros e escrita de suas próprias narrativas, a fim de motivá-los e incentivá-los à participação na ampliação do conhecimento da história e origem do povo negro, conforme atividades desempenhadas pelas meninas negras e autoras do projeto, Helena e Duda.

Nesse contexto, planejamos e aplicamos três oficinas pedagógicas para a leitura literária contando um pouco da história negra; da cor da pele e dos cabelos crespos e cacheados.

1º OFICINA C/H	OBJETIVO	ATIVIDADE	MATERIAL
3 a 4 H/A	Relacionar a obra literária com o contexto histórico, social e cultural da etnia negra.	Leitura, escrita e canto da música Black, Black ; Leitura e reflexão crítica do livro O Cabelo de Lelê ; -Ilustração individual da história lida; -Exposição da arte.	TV; Cópia da música; Folhas de ofício; Varal e pegador.

Figura 1: Capa do livro *O cabelo de Lelê*.



Fonte: https://youtu.be/_FRS63MaBhc

⁵ <https://www.pretinhasleitoras.com.br/>

A primeira oficina, que tinha como principal objetivo o de relacionar a obra literária com o contexto histórico, social e cultural da etnia negra, foi iniciada com a reflexão na música Black, Black⁶ que fala com orgulho da cor da pele, do cabelo, do sorriso, numa batida envolvente que agita os estudantes e os estimula a participar ativamente com muita alegria. Essa música está exposta em várias versões na internet, com legenda, com imagens de pessoas negras com cabelos negros diferenciados, com paisagens da periferia negra, que exala identificação imediata.

Logo após a leitura, a escrita, o canto e a reflexão da mensagem na música, apresentamos o livro “**O Cabelo de Lelê**”⁷ de Valéria Belém com ilustrações de Adriana Mendonça, muito conhecido no campo pedagógico. Como não havia o livro físico na escola, trouxemos o livro em formato digital exposto na TV em tela cheia, o que chamou ainda mais a atenção de todos os presentes para a interação, leitura e discussão do que estava exposto no livro.

Este livro foi fruto de um primeiro projeto desenvolvido lá no início da vida acadêmica, ainda com pouca leitura crítica racial, mas já percebíamos os problemas relacionados ao cabelo crespo. Hoje, ainda podemos usar o livro, porém, o olhar crítico já mais apurado pode incitar questionamentos nos estudantes participantes da oficina.

O Cabelo de Lelê traz uma capa com ilustração do cabelo de uma menina negra em traços questionáveis, mas com um livro nas mãos com o título de Países Africanos. O interior do livro fala dos questionamentos da menina em relação ao cabelo, afirmando que ela não gosta do que vê e por isso vai procurar a origem dos seus cachinhos nos livros de histórias africanas.

Ao fazer a leitura em voz alta para os alunos, vamos problematizando o impacto da capa do livro nos estudantes ou nas crianças de cabelos crespos, o porquê da afirmação da autora em dizer que a menina não

6 <https://youtu.be/O9tp2lmWC-M>

7 https://youtu.be/_FRS63MaBhc

gosta do que vê, do puxa prá lá, puxa pra cá, para tentar levá-los à criticidade da capa e do enredo. Destacar também o fato da menina ter ido buscar respostas para suas perguntas no intuito de conhecer e compreender um pouco da história e origem dos povos negros. Como atividade, solicitamos uma proposta de capa que representasse uma criança negra questionadora, mas feliz com seus cachinhos crespos.

Todavia, na oficina seguinte, apresentamos um livro escrito por uma autora negra, com empoderamento real do cabelo crespo, de modo a comparar as diferenças de representatividade para a criança negra.

2º OFICINA C/H	OBJETIVO	ATIVIDADE	MATERIAL
3 a 4 H/A	Valorizar a história e estética do cabelo crespo, cacheado negro.	-Vídeo: Meu nome é Maalum; Leitura do livro Meu Crespo é de Rainha; - Interpretação do livro; -Discussão coletiva em comparação ao Cabelo de Lelê; Pintura de imagens de personalidades negras. Exposição da arte.	TV; Caderno e lápis; Quadro branco e piloto; Cópias de imagens de personalidades negras. Lápis de cor e cola; Papel cartão para molduras e fita colante.

Figura 2: Capa do livro *Meu crespo é de rainha*



Fonte: https://youtu.be/S1zNJF_ILf8

No segundo momento, nosso objetivo principal era o da valorização da história e da estética do cabelo crespo, cacheado e negro. Iniciamos

com um curta de título **“Meu nome é Maalum”**⁸, que versa sobre o drama de uma criança com cabelo e nome diferentes, mas traz ensinamentos da história e do empoderamento da criança negra.

Após a discussão, fizemos a leitura do livro **“Meu Crespo é de Rainha”** de Bell Hooks com ilustração de Chis Raschka e tradução de Nina Rizzi⁹, novamente em tela cheia, uma vez que não tivemos acesso ao livro físico. O livro é lindo, rico culturalmente, bem ilustrado e visivelmente empodera o cabelo afro como símbolo de história e da resistência negra. Após o debate sobre a obra e propósito da leitura, fizemos a interpretação do livro com perguntas simples e com correção coletiva. Também comparamos essa segunda leitura, a ilustração e proposta da autora com a leitura do primeiro momento e as percepções já estavam mais aguçadas e as falas mais presentes.

Nesse mesmo momento, trouxemos imagens com personagens e **personalidades negras para colorir**¹⁰, imagens que contavam histórias, enobreciam a figura negra e traziam um pouco da representatividade negra, com personalidades de relevância regional, nacional e internacional para pintura. Após a atividade, fizemos a confecção de um grande painel de fotos e expusemos numa parede para apreciação por parte de toda a comunidade escolar.

Em seguida, despertamos as crianças para a próxima leitura sobre os tons de pele.

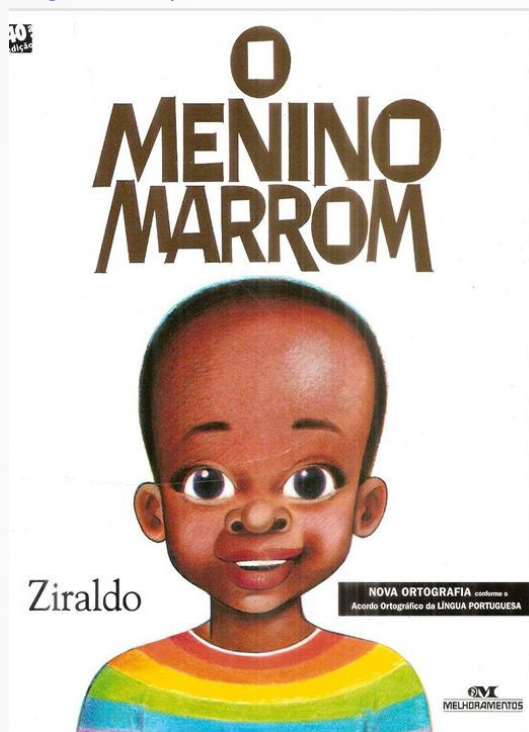
8 <https://youtu.be/KDF7dEORrKQ>

9 https://youtu.be/SIzNJF_LLf8

10 <https://123colorir.com.br/desenho-da-consciencia-negra/>

3º OFICINA C/H	OBJETIVO	ATIVIDADE	MATERIAL
3 a 4 H/A	Compreender a miscigenação e os diferentes tons de pele do povo brasileiro, sobretudo o negro.	Reflexão com perguntas sobre miscigenação; Leitura do livro O Menino Marrom; -Interpretação do livro; -Ilustração de diversos tons de pele.	-TV; -Notebook; Caderno e lápis; Quadro branco e piloto; -Lápis de cor; -Caderno de desenho;

Figura 3: Capa do livro O Menino Marrom



Fonte: https://www.academia.edu/56547828/O_menino_marrom

No terceiro momento, o objetivo foi promover a compreensão acerca da miscigenação e dos diferentes tons de pele que compõem a identidade do povo brasileiro, com ênfase na população negra. Para tanto, foi apresentado o texto “**O Menino Marrom**”¹¹, de Ziraldo, disponibilizado em formato PDF e também projetado em tela grande, por meio da televisão,

11 <https://ntmedianeira.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/05/o-menino-marrom.pdf>

a fim de causar maior impacto visual e engajamento dos estudantes. A escolha dessa obra se deu por sua pertinência temática e por ser o material disponível gratuitamente na internet.

Essa história traz reflexões sobre a cor e os tons da pele e a mistura das cores. Lemos, discutimos, interpretamos e representamos as várias nuances de tons de pele, com lápis de cor, em pessoas com características diferentes, refletindo sobre diversidade e convivência. Também os despertamos para uma leitura crítica da caracterização realizada para a criança preta, entre outras observações que o enredo traz. Outro livro com discussão interessante para uma faixa de idade adolescente é O pequeno Príncipe Preto do autor negro Rodrigo França que pode despertar autoestima, conhecimento da história e empoderamento das crianças negras.

A partir dessas leituras e das atividades realizadas nas oficinas pedagógicas, defendemos que cada leitura realizada, cada discussão proposta, além do prazer da contação da história, da leitura compartilhada, do dinamismo de cada atividade, conhecimentos foram agregados, somaram-se novas discussões, teceram-se opiniões e questionamentos. E dessa forma acreditamos ter formado pessoas com maior percepção dos contextos sociais e construção de novas posturas.

Nesse contexto, é possível afirmar que cada atividade contribuiu para o fortalecimento da identidade de pessoas negras, promovendo o orgulho em relação à própria origem, cor, cabelo e características individuais. Paralelamente, buscou-se desenvolver, entre as pessoas não negras, a compreensão e o respeito à diversidade, à história, às origens e às especificidades de cada indivíduo, favorecendo, assim, a construção de novos conceitos, atitudes e posturas mais inclusivas.

Para análise das nossas ações, nos direcionamos para a Análise do Discurso por ser uma ferramenta adequada para entender o propósito de um texto literário que busca compreender o processo histórico e o contexto social relacionado a essa história. Nesse contexto, o sentido presente na literatura negra e afro-brasileira revela a história, a origem e as lutas relacionadas ao povo negro, a exemplo da cor da pele e do cabelo crespo,

que representam os maiores desafios do estudante negro na esfera educacional.

Nesse cenário, por meio do conhecimento adquirido na leitura literária negra e afro-brasileira, na construção de jovens pensantes num propósito antirracista, novos discursos são formados. Sobre isso, Brandão (2004, p.7) afirma que “[...] o discurso é o espaço em que saber e poder se unem, se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito que lhe é reconhecido socialmente”. E o saber da história, a discussão dos problemas presentes no contexto social, o saber dos direitos que lhe cabem, pode ocorrer por meio dessa proposta de leitura.

Nessa perspectiva, vamos ao encontro da concepção de leitura Crítico-Discursiva que discorre sobre a linguagem contextualizada com a realidade dos estudantes, da interação com o contexto histórico, cultural, social e o ideológico, na relação texto-leitor-contextos, agrega prazer com sentido, com conhecimento e maior criticidade. Bonifácio (2015, p.15) defende que “a fim de tornarmos nossos alunos leitores competentes, devemos ‘mergulhá-los’ no mundo da leitura, explorando-a com prazer, levando os alunos a responderem aos textos com sua criatividade e conhecimento de mundo.” E a concepção crítico-discursiva proporciona esse “mergulho” leitor com poder de despertar o senso crítico e discursivo no estudante sobre o racismo, a discriminação cotidiana, muitas vezes, desconhecidos e despercebidos por eles mesmos.

Por fim, nessa mesma perspectiva da literatura negra e afro-brasileira para a leitura crítica de estudantes maiores, sugerimos as obras de Barbara Carine com “Querido Estudante Negro”, Conceição Evaristo com “Olhos D’Água” e de Lázaro Ramos com “Você não é invisível”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura negra e afro-brasileira desempenha um papel importante na construção da identidade de jovens estudantes, no debate sobre

racismo, na representação positiva do povo negro e na construção de pessoas com novas posturas.

Nessa perspectiva, promover possibilidades de leitura por oficinas dinâmicas, de obras de autores negros, com sensibilidade negra pode contribuir significativamente para reflexões sobre identidade, racismo e empoderamento de características individuais de pretos e pardos.

Defendendo a literatura negra e afro-brasileira enquanto permissão e ampliação da leitura crítica, da construção de novos saberes e da ressignificação da representatividade negra, esse estudo acredita ter contribuído para a discussão de benefícios e de competências do letramento literário por meio da literatura negra e afro-brasileira como fonte de estudo no processo de ensino-aprendizagem numa prática antirracista.

Como resultado alcançamos maior valorização de obras negras, maior conhecimento da história não contada, estudantes mais participativos, com maior poder reflexivo dos problemas raciais cotidianos, com maior leitura crítica de obras, de discussões e da representação da cor e do cabelo negro. E dessa forma, talvez tenhamos contribuído para futuros adultos com práticas e posturas antirracistas.

E na expectativa da ampliação dessa discussão, principalmente, para a limitação imposta à literatura feminina negra, no pouco estímulo dos documentos oficiais para essa discussão e nas objeções do mercado para ampliação do mercado literário negro e afro-brasileiro. Além do mais importante, atenção para a falta ou limitação da literatura negra e afro-brasileira em quantidade insuficiente para desenvolvimento de projetos nesse sentido.

REFERÊNCIAS

BELÉM, V. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
Disponível em: https://www.obrassociais.org.br/images/unidades/atividades/VilaMorseB1/CABELO_DE_LEL%C3%A9-VAL%C3%89RIA_BEL%C3%89M.pdf.
Acesso em: 20 de out. de 2025.

BONIFÁCIO, Carla Alecsandra de Melo. **Práticas de Leitura e Produção Textual em Língua Inglesa**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. v.2.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Analisando o discurso**. Museu de Língua 137 Portuguesa, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília. Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 18 de jan. 2024.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: . Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

DALCASTAGNE, Regina. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. [Amanda Massuela]. **Cult**, Editora Bregantini, Ed. 231. 2018. Pesquisa disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em: 20 de out. 2025.

DUARTE, Eduardo Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Terceira Margem · Rio de Janeiro · Número 23 · p. 113-138 · julho/dezembro 2010

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

HOOBS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. Ilustrações de Chris Raschka; [Nina Rizzi]. São Paulo: Boitempo, 2018. Disponível em: https://www.colegioequipejf.com.br/site/uploads/arquivos_conteudo_aluno/4925/1605496441KQw_bfmyM.pdf. Acesso em: 20 de out. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>. Acesso em: 20 de out. 2025.

MELO, Dianne Cristine Rodrigues de. Escrivência e exclusão nas práticas de leitura e escrita. In. DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo /

organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

NEIRES, Maria Soldatelli Paviani e NIURA, Maria Fontana. **Oficinas pedagógicas:** relato de uma experiência. V. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

Pretinhas Leitoras. Rio de Janeiro, Plataforma ÉKÓOLÁ. 2025. Disponível em: <https://www.pretinhasleitoras.com.br/>. Acesso em: 20 de out. 2025.

SILVA, Maria da Luz Duarte Leite, LEITE, Francisco Helton Duarte. O Negro em Narrativas Lobatianas. In: CARDOSO, Sebastião Marques. **a a a a i o** [livro eletrônico] te tos sobre culturas literárias africanas e afro-brasileiras volume / organização ebastião Marques ardoso , Ana Maria Carneiro Almeida Diniz , Will Wanderkelly De Freitas Ribeiro. - Mossoró, RN : Editora Podes, 2021. PDF

ZIRALDO. **O menino marrom.** São Paulo: Melhoramentos, 1986. Disponível em: <https://ntmedianeira.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/05/o-menino-marrom.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2025.